



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

ANSIEDADE FINANCEIRA, PERFORMANCE COGNITIVA E ABSENTISMO: DIFERENÇAS EM FUNÇÃO DO NSE

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre
em Psicologia e Desenvolvimento de Recursos Humanos

Carolina da Silva Martins

Porto, julho de 2020



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

ANSIEDADE FINANCEIRA, PERFORMANCE COGNITIVA E ABSENTISMO: DIFERENÇAS EM FUNÇÃO DO NSE

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre
em Psicologia e Desenvolvimento de Recursos Humanos

Carolina da Silva Martins

Trabalho efetuado sob a orientação de
Professora Doutora Luísa Antunes Ribeiro

Porto, julho de 2020

Agradecimentos

Chega ao fim uma das etapas mais importantes da minha vida! Foi um percurso de cinco anos em que tive a oportunidade de crescer a nível pessoal e académico, adquirindo novas aprendizagens, desafios e superar-me a mim própria. Este trajeto não seria possível sem a transmissão de conhecimentos de todos os docentes da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa do Porto que disponibilizaram sempre o seu apoio e excelência e, acima de tudo às pessoas que sempre acreditaram que conseguiria alcançar os meus objetivos.

Em primeiro lugar agradeço aos meus Pais, pelo enorme esforço e por me terem proporcionado esta grande meta, por acreditarem sempre em mim, mesmo nos momentos mais difíceis, pela dedicação incondicional e amor. Eles foram a minha força nesta grande caminhada.

Ao meu namorado Ed, pela paciência, pelo carinho e todo o amor. Sempre me incentivou e motivou a lutar pelos meus objetivos. Agradeço a sua presença nos momentos difíceis e nos de maior alegria. Foi o meu grande pilar.

À minha família que esteve presente nesta trajetória e que sempre me apoiou. Um agradecimento especial a um familiar que partiu a meio do meu percurso, mas que nunca vai deixar de estar presente no meu coração até porque nunca deixou de acreditar em mim.

Quero também agradecer a todos os participantes que, sem a sua disponibilidade, paciência e vontade, este trabalho não seria possível.

Por fim, um especial obrigado, à Professora Doutora Luísa Antunes Ribeiro, pelo apoio contínuo e disponibilidade constante. À sua motivação por este estudo, ao seu espírito crítico que me orientou nas várias etapas deste processo e por todas as aprendizagens que me proporcionou exigindo sempre o melhor de mim.

Obrigada a todos!

Índice

Resumo	8
Abstract	9
Introdução	10
Enquadramento Teórico	12
Nível Socioeconómico e Ansiedade Financeira	13
Ansiedade Financeira e Performance Cognitiva	14
Ansiedade Financeira e Absentismo.....	15
Método	18
Amostra	18
Instrumentos e Materiais	19
Questionário Sociodemográfico.....	19
Absentismo	19
Teste de Cores e Palavras de Stroop	19
Wisconsin.....	20
Cenários	21
Ansiedade Financeira.....	21
Procedimento	22
Procedimento de Recolha de Dados	22
Design Experimental.....	23
Resultados	24
Preparação dos Dados.....	24
Análises Preliminares Associadas à Situação de Pandemia	24
A Relação entre o NSE e a Ansiedade Financeira.....	25
Estudo Experimental.....	26
A Relação entre Ansiedade Financeira e o Absentismo.....	28
Discussão	30

Conclusão	34
Limitações do Estudo	34
Sugestões para Investigações Futuras.....	35
Implicações Práticas	36
Referências Bibliográficas	37
ANEXOS	45
ANEXO A – Cenários	46
ANEXO B – Instruções de Preenchimento	47

Índice de Figuras e Gráficos

Figura 1 - Exemplo de um estímulo utilizado no Teste Stroop.....	20
Figura 2 – Sequência do Wisconsin Card Sorting Test.....	21
Gráfico 1 – Efeito da Tarefa Cognitiva Wisconsin	27
Gráfico 2 – Efeito da Tarefa Cognitiva Stroop	28

Lista de Abreviaturas e Siglas

NSE – Nível Socioeconómico

RH – Recursos Humanos

Resumo

Este estudo procura compreender como a ansiedade financeira desencadeia um desempenho cognitivo diferencial entre níveis socioeconómicos (NSE) e de que modo a ansiedade financeira está associada ao absentismo. Esperava-se que indivíduos de NSE baixo apresentassem uma maior ansiedade financeira e que níveis de ansiedade financeira mais elevados estivessem associados a um maior absentismo. Posteriormente, tentou-se perceber se indivíduos com NSE baixo demonstravam uma *performance* mais diferenciada perante a indução de cenários de baixa versus elevada ansiedade financeira, comparativamente com os de NSE alto. Administrou-se um instrumento, formulado na plataforma *online PsyToolkit*, que incluía os cenários, as tarefas cognitivas (Stroop e Wisconsin), duas questões acerca do absentismo e uma escala de ansiedade financeira. O instrumento foi administrado a 75 participantes de diversos setores de atividade. No tratamento de dados, recorreu-se ao *software* IBM SPSS Statistics 25, cujos resultados confirmaram existir relação entre o NSE e a ansiedade financeira, mais acentuada nos grupos de menores rendimentos. A hipótese do efeito diferencial da indução de baixa e alta ansiedade financeira nos dois NSE foi parcialmente confirmada, tendo-se encontrado resultados significativos num das tarefas cognitivas. Finalmente, não se verificaram diferenças significativas em termos de ansiedade financeira em função do absentismo.

Palavras-Chave: Ansiedade Financeira; *Performance* Cognitiva; Nível Socioeconómico; Absentismo.

Abstract

This study seeks to understand how financial anxiety triggers a differential cognitive *performance* between socioeconomic levels (SES) and how financial anxiety is associated with absenteeism. Low SES individuals were expected to experience greater financial anxiety and higher levels of financial anxiety were expected to be associated with greater absenteeism. Another aim of the study was to understand whether individuals with low SES showed a more differentiated *performance* after being presented with low versus high financial anxiety scenarios, compared with high SES individuals. An overall instrument was compiled via the PsyToolkit online platform, and it included both scenarios, the cognitive tasks (Stroop and Wisconsin), two questions about absenteeism and a financial anxiety scale. The instrument was administered to 75 participants from different activity sectors. Data analysis was carried out with IBM SPSS Statistics 25 software. Results confirmed the significant relationship between SES and financial anxiety, which was stronger among low SES individuals. The hypothesis of the differential effect of inducing low versus high financial anxiety on the two SES groups, was only partially confirmed, with significant results for one of the cognitive tasks. Finally, there were no significant differences in terms of financial anxiety as a function of absenteeism.

Keywords: Financial Anxiety; Cognitive *Performance*; Socioeconomic Status; Absenteeism.

Introdução

A atual globalização do mercado tem provocado mudanças na economia e na atividade laboral, gerando consequências positivas mas também negativas, como crises económicas, originando desigualdades sociais e vulnerabilidade financeira (Bran, 2015; Haller, 2012). Estas mudanças são aquelas sobre as quais, políticos, economistas e mesmo psicólogos se debruçam, de forma a compreender como as políticas económico-financeiras, afetam a população. Na realidade, todas as decisões tomadas têm consequências psicológicas, daí que os estudos científicos recorram a conceitos e métodos da Psicologia para identificar as *performances* cognitivas e emocionais daí advindas (Lobão, 2018) com o objetivo de melhorar o mercado de trabalho.

Portugal é um país que, normalmente, apresenta uma economia vulnerável (Banco de Portugal, 2014), com consequências nas organizações e nas famílias (Ribeiro et al., 2015) e é no mundo do trabalho que estas consequências têm a sua maior repercussão, porque afetam a estabilidade no emprego, os salários, a precariedade e o custo de vida (Kim & Garman, 2003).

Segundo Mani et al. (2013), os problemas financeiros influenciam a *performance* cognitiva. A ansiedade sentida perante dificuldades económicas, provoca aquilo a que os psicólogos designam de ansiedade financeira (Klontz et al., 2012). Esta, por sua vez, pode refletir-se num aumento da taxa de absentismo no local de trabalho (Kim & Garman, 2004) e em dificuldades cognitivas que podem interferir com a realização das tarefas (Mani et al., 2013).

O absentismo provoca graves problemas ao nível das empresas e da economia de uma nação, daí que seja necessário conhecer as causas exatas, propor medidas que previnam e reduzam os prejuízos provocados pela falta de assiduidade (Kim et al., 2006). Indivíduos saudáveis, motivados e satisfeitos produzem mais, com melhor qualidade e contribuem para a recuperação da economia (Kim & Garman, 2003).

Após a revisão bibliográfica, apercebi-me que os estudos sobre esta temática são raros e inconclusivos não envolvendo as três variáveis - ansiedade financeira, *performance* cognitiva e absentismo (Dijkstra-Kersten et al., 2015; Kim & Garman, 2003). Contudo, são conceitos pertinentes em termos de investigação, uma vez que, uma economia de sucesso depende da participação ativa dos trabalhadores que contribuem para esse estado de sucesso (Rostow, 1990). Importa também comparar o estado de ansiedade financeira nos diferentes níveis socioeconómicos. Existe um estudo experimental realizado por Mani et al. (2013), nos Estados Unidos da América, que tenta compreender o impacto de situações financeiras através da indução de cenários financeiros com despesas elevadas (cenário difícil) ou baixas (cenário fácil)

na *performance* cognitiva em indivíduos com diferentes níveis socioeconómicos (NSE). Mani et al. (2013), detetaram que a *performance* de indivíduos com baixo NSE tende a ser mais afetada na resolução de tarefas cognitivas após indução de elevada ansiedade financeira, comparativamente com as tarefas cognitivas resolvidas após a indução de baixa ansiedade financeira (e.g., cenários de despesas baixas). Indivíduos de NSE alto não exibiram diferenças de *performance* consoante a indução de cenários de baixa versus alta ansiedade financeira.

O presente estudo teve como base o estudo realizado por Mani et al. (2013), alargando-o a outras vertentes com os seguintes objetivos: i) compreender se a ansiedade financeira desencadeia um desempenho cognitivo diferencial entre níveis socioeconómicos, e ii) compreender de que modo a ansiedade financeira está associada ao absentismo do trabalhador.

Enquadramento Teórico

Desde a industrialização que os investigadores perceberam que, mesmo em épocas de crescimento económico e com baixas taxas de desemprego, existem sempre trabalhadores com vencimentos abaixo do limiar da pobreza (Bond & Galinsky, 2011), sendo a média dos salários que determina o bem-estar e a qualidade de vida usufruída pelos trabalhadores numa dada economia (Deaton, 2008).

Segundo Haller (2012), o desenvolvimento económico de uma nação é visível quando as condições financeiras positivas ultrapassam as negativas. A atual globalização do mercado, a facilidade de acesso ao crédito e as baixas taxas de juro criam a ilusão de facilidade financeira. Contudo, os mercados tornaram-se imprevisíveis e instáveis originando crises económicas (Nenovski & Pamukova, 2019).

Ao analisar os efeitos das últimas crises sentidas nos países europeus, pôde-se verificar que as consequências não foram idênticas, tendo afetado mais uns do que outros a médio e longo prazo (Dias et al., 2018). Segundo o Instituto Nacional de Estatística (2019), a taxa de pobreza, no ano de 2018 apresentava uma percentagem de 17.2, o que não deixa de se interpretar como sendo positivo. Esta diminuição deveu-se ao aumento dos rendimentos medianos das famílias portuguesas (Instituto Nacional de Estatística, 2019). Contudo, devido ao período de pandemia que se fez sentir no decorrer da investigação e futuras consequências económicas, a situação de pobreza virá a sofrer um provável reverso.

As desigualdades sociais podem provocar diferentes comportamentos. Se, por um lado, esta desigualdade estimula a população para a procura de uma melhoria de condições de vida, por outro, podem ter como consequências, comportamentos desadaptativos, acentuando mais a pobreza (Eurostat, 2019), como a falta de cuidados com a saúde, baixa formação profissional e académica (DiMatteo et al., 2002; Katz, & Hofer, 1994; McLoyd, 1998), deficiente gestão financeira familiar (Barr, 2012; Edin & Lein, 1997) e menor empenho laboral (Kim et al., 2006).

As preocupações financeiras afetam a saúde mental e essas por seu lado, provocam distúrbios financeiros como, a dependência financeira, o endividamento, os comportamentos compulsivos de acumulação e compra, a má gestão, entre outros (Klontz et al., 2008; Klontz et al., 2011).

Nível Socioeconômico e Ansiedade Financeira

O NSE dos indivíduos é determinado pelos rendimentos do indivíduo/ família, habilitações literárias, ocupação, influência social e política, entre outras variáveis (Wani, 2019). Este depende do dinheiro adquirido principalmente através do salário (Harpaz & Fu, 2002) e é utilizado para a aquisição de recursos essenciais à sobrevivência dos indivíduos e à satisfação das exigências de qualidade de vida e conforto, satisfazendo algumas das necessidades, consideradas básicas por Maslow (1943). O salário pode também ser considerado uma fonte de autoestima e um indicador de realização pessoal (Sinclair & Cheung, 2016). Contrariamente, é também responsável pelo stress nos indivíduos quando este se torna insuficiente (Sinclair & Cheung, 2016).

Diversos autores têm investigado o significado do dinheiro no quotidiano dos indivíduos. Segundo Oleson (2004), esse significado poderá variar consoante a personalidade ou o estágio de desenvolvimento em que se encontra o indivíduo. Num outro estudo, realizado por Barros et al., (2018), concluíram que o dinheiro, se por um lado, é fonte de prazer, proporcionando felicidade aos indivíduos, por outro, provoca ansiedade, sofrimento, originando preocupações e desigualdades na sociedade. Quando um colaborador vê diminuídas as suas recompensas extrínsecas, fica com a perceção de que o seu desempenho não foi satisfatório, entrando numa espiral negativa e num nível de stress elevado, dado que não lhe foram concedidas as recompensas (Giorgi et al., 2015). Quando as compensações retributivas dificultam o acesso a bens básicos, a própria sobrevivência do indivíduo pode ficar comprometida (Rego et al., 2016).

Um estudo realizado por Kim e Garman (2004), detetou que quanto mais baixos forem os níveis remuneratórios, mais altos são os índices de ansiedade financeira, independentemente da profissão.

A relação entre o NSE dos indivíduos e os problemas de saúde mental têm sido tema de vários estudos. Os baixos rendimentos, a baixa escolaridade e o desemprego estão associados a problemas significativos de ansiedade financeira (Lorant et al., 2007). Alguns fatores que influenciam a ansiedade financeira são o endividamento, a baixa autoestima, a diminuição da capacidade de gerir as finanças pessoais (Lange & Byrd, 1998), a incerteza do futuro numa organização, a adaptação a constantes mudanças no meio laboral e ainda a problemas familiares. E por seu lado, estes fatores provocam um conjunto de perturbações físicas e mentais, tais como a depressão, ansiedade, angústia, baixa autoestima e comportamentos aditivos, podendo em casos extremos, levar ao suicídio (Dooley et al., 1994; Price et al., 2002).

Por outro lado, os traços de personalidade podem também influenciar o nível de stress financeiro. Se a personalidade apresenta traços de comportamentos negativos, maior será a dificuldade em encontrar estratégias para ultrapassar os défices financeiros (Marjanovic et al., 2018). Os níveis de autoestima e a vulnerabilidade estão intimamente relacionados com o nível de stress financeiro (Tivendell & Bourbonnais, 2008). A maioria das pessoas experiência dificuldades financeiras em algum momento das suas vidas e, muitos têm-nas, de forma constante, tornando-as frágeis e inseguras. Estes estados emocionais provocam uma ansiedade financeira e reduzem o desempenho em contexto laboral (Kim & Garman, 2003). Marjanovic et al. (2018) reforçam esta ideia afirmando que a ansiedade financeira é um estado de incerteza, receio ou preocupação que os indivíduos demonstram perante o défice dos seus recursos financeiros.

A ansiedade financeira não é considerada pelos profissionais de saúde como uma doença, contudo, a Psicologia valoriza-a, na medida em que a caracteriza como sendo um problema cujos sintomas podem ir desde a inquietação, fadiga excessiva, problemas de concentração, irritabilidade, tensão muscular até aos distúrbios no sono (Archuleta et al., 2013). Esta sintomatologia tende a ser similar à ansiedade generalizada (Summers & Gutierrez, 2018) e impede o indivíduo de lidar eficazmente com as suas finanças pessoais (Burchell, 2003) resultando numa evitação e redução da capacidade processadora de informações financeiras (Shapiro & Burchell, 2012). Embora a ansiedade financeira não seja considerada uma perturbação, existe uma escala desenvolvida que adaptou os critérios de diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada, estabelecidos pelo DSM – IV – TR, que permite avaliar o estado de ansiedade dos indivíduos relativamente à sua gestão financeira (Financial Anxiety Scale - American Psychiatric Association, 2000).

Neste seguimento, formulou-se a seguinte hipótese de investigação:

H1: Quanto mais baixo for o nível socioeconómico, maior será a ansiedade financeira percebida.

Ansiedade Financeira e Performance Cognitiva

Como vimos, as dificuldades financeiras estão associadas a uma diversidade de sintomas psicológicos, como quadros de ansiedade e depressão. Estas situações criam também dificuldades no desempenho (Joo et al., 2008).

Alguns investigadores, principalmente da área da Psicologia têm investigado a relação entre a ansiedade financeira e a *performance* cognitiva (Mani et al., 2013). Estudos realizados por Mani et al., (2013) indiciam que, em momentos de pobreza, a *performance* cognitiva pode ser afetada. Por outro lado, o nível de preocupação financeira pode alterar a concentração do trabalhador, em meio laboral (George & Kane, 2016). Quando o indivíduo passa por graves problemas financeiros, a sua concentração nas tarefas é mais reduzida, logo a produção diminui (Kim & Garman, 2003).

Mani et al., (2013) tentaram perceber os diferentes impactos a nível cognitivo, em indivíduos com NSE baixo e alto, perante a indução de cenários financeiros fáceis (eg., surgimento de uma pequena despesa) e difíceis (e.g., despesa avultada). Os resultados demonstraram que os indivíduos de NSE alto apresentavam um desempenho equitativo entre as condições que incluíam cenários fáceis e difíceis. Contrariamente, indivíduos de NSE baixo apresentavam diferenças maiores na *performance* cognitiva entre as duas condições (cenários fáceis vs. cenários difíceis). Mani et al. (2013) concluíram que o indivíduo, em situação de pobreza/stress financeiro, vê reduzida a sua capacidade cognitiva.

No seguimento das premissas anteriores e pretendendo replicar o estudo desenvolvido por Mani et al., (2013), torna-se pertinente colocar a seguinte hipótese de estudo:

H2: Indivíduos com um nível socioeconómico mais baixo apresentarão níveis mais diferenciados de *performance* cognitiva, num cenário de indução de elevada versus baixa ansiedade financeira (apresentando uma *performance* mais baixa no primeiro tipo de cenários), comparativamente com indivíduos de um nível socioeconómico mais alto.

Ansiedade Financeira e Absentismo

Várias investigações têm sido realizadas com o intuito de relacionar a ansiedade financeira, resultante de eventos financeiros stressantes e instabilidade financeira, com as ausências dos trabalhadores no seu local de trabalho - absentismo (Kim et al., 2006, Kim & Garman, 2004). O absentismo é uma variável que tem sido amplamente estudada, tanto dentro das organizações como pela Psicologia Organizacional (Cunha et al., 2010; Rego et al., 2015). A definição deste conceito não tem sido unânime. Se por um lado, uns incluem na sua definição, todos os tipos de ausências ao trabalho, por outro, existem autores que não incluem as faltas expectáveis ou justificadas do trabalhador (Cunha et al., 2010; Kim & Garman, 2003).

Kim e Garman (2003) definiram o absentismo como o não comparecimento do trabalhador ao seu local de trabalho para cumprir as suas funções laborais. Os autores não especificam o tipo de ausências que não são contabilizadas para o absentismo.

Uma definição mais complexa, foi desenvolvida por Cunha et al. (2010), mencionando que o absentismo corresponde à ausência involuntária de um trabalhador ao seu meio laboral, resultante de acontecimentos imprevisíveis como acidentes, doenças, motivos pessoais ou profissionais, ou ausências voluntárias devido a férias, folgas ou motivos programados pela organização.

Num estudo realizado por Cunha et al. (2010), concluíram que os países europeus em que os trabalhadores apresentam taxas mais altas de absentismo, são a Alemanha, a Holanda e a Finlândia, apresentando percentagens de 18%, 20% e 24% respetivamente. Portugal posiciona-se no décimo terceiro lugar, com uma taxa de absentismo de 8% (Cunha et al., 2010).

O absentismo no local de trabalho tem variadas causas, nem sempre relacionadas diretamente com o colaborador, mas também por responsabilidade da organização (Silva, 2011). Em relação ao trabalhador salientam-se as seguintes justificações: apoio à família, questões de saúde pessoal e problemas pessoais e motivacionais (Consulting, 1998). Por outro lado, as empresas praticam, por vezes, remunerações que não vão ao encontro das expectativas do trabalhador, má distribuição ou ambiguidade dos cargos atribuídos, sobrecarga de trabalho (Brooke & Price, 1989) e stress ocupacional, que poderão estar na origem de aumentos nos níveis de o absentismo (Gomes et al., 1997).

Com base em alguns estudos, pode-se concluir que, a insatisfação no local de trabalho leva a um aumento do absentismo (Kim & Garman, 2003; Peretti et al., 2012) que, por sua vez, gera problemas ao nível das relações humanas, da gestão orçamental e dos recursos humanos, pois a entidade patronal necessita de reorganizar e redistribuir o trabalho por outros colaboradores ou contratar novos elementos (Kim & Garman, 2003).

Numa perspetiva mais positiva, segundo um estudo realizado por Pinto (2006), a ausência ao trabalho de forma temporária, pode-se tornar benéfica, na medida em que, o trabalhador, ao usufruir de descanso, diminuí o stress e aumenta a sua motivação e desempenho na organização.

Acrescenta-se ainda como fundamental, as razões relacionadas com a ansiedade financeira que leva ao aumento do absentismo no local de trabalho (Bagwell, 2000; Consulting, 1998). As repercussões da ansiedade financeira podem ser negativas ao nível do desempenho, da pontualidade, da produtividade, da satisfação no trabalho, na própria moral do trabalhador e principalmente no absentismo (Kim & Garman, 2004).

Um modelo teórico foi desenvolvido por Kim e Garman (2003), para compreender qual a relação entre ansiedade financeira e absentismo. A ansiedade financeira tem para estes autores consequências tanto nos aspetos psicológicos como fisiológicos. Este modelo considera variáveis individuais como o género, faixa etária, rendimentos e habilitações literárias. Concluíram que, o stress financeiro é influenciado pela quebra das finanças pessoais, ou seja, um baixo rendimento gera um stress psicológico mais elevado, que por sua vez, poderá levar à ausência no meio laboral. A premissa principal retirada do modelo é que as variáveis individuais, o stress financeiro, o comprometimento organizacional e a saúde originam repercussões diretas ou indiretas no absentismo laboral.

Um trabalhador enfrenta dificuldades financeiras, quando o volume das suas despesas supera largamente o das receitas, não podendo fazer face às necessidades imediatas, nem a longo prazo, como quando perspectiva a sua aposentação (Kim & Garman, 2004). Num estudo realizado por Kim e Garman (2004), com um grupo de trabalhadores de colarinho branco de uma companhia de seguros, concluíram que os participantes se encontravam stressados financeiramente, devido a preocupações com as poupanças monetárias para a idade da reforma. Estas preocupações geravam comportamentos desadequados nos indivíduos que, associados aos baixos níveis de satisfação salarial e, a mais tempo despendido em questões financeiras, levavam a uma maior taxa de absentismo.

Num outro estudo, efetuado por Bagwell (2000), indicia-se também a existência de uma relação entre a ansiedade financeira e o absentismo, tendo este verificado uma maior taxa desta última dimensão perante problemas de gestão financeira. Estudos têm defendido que a existência de uma baixa taxa de assiduidade, ao meio laboral, está associada a uma dificuldade em gerir as finanças pessoais (Bagwell, 2000; Garman et al., 1999). Kim et al., (2006) estudaram uma população que recorria a créditos ou possuíam dívidas e concluíram que, indivíduos nestas condições, agravavam o contexto de ansiedade e aumentavam o absentismo ou diminuían a sua produtividade.

Após a revisão de literatura e, de modo a investigar a existência de uma relação entre ansiedade financeira e absentismo, surge a seguinte hipótese de estudo:

H3: Indivíduos com níveis mais elevados de ansiedade financeira apresentam uma taxa de absentismo mais elevada.

Método

Os principais objetivos deste estudo foram: compreender se a ansiedade financeira desencadeia um desempenho cognitivo diferencial, em função do NSE, e compreender de que modo a ansiedade financeira está associada ao absentismo do trabalhador. De modo a alcançar as metas propostas, estabeleceu-se como método a utilização de um paradigma experimental e a uma metodologia correlacional. O recurso ao estudo experimental permite a manipulação de uma variável para compreender o seu impacto sobre uma outra e detetar uma relação de causa-efeito (Field, 2013). Neste caso, pretendia-se avaliar se a ansiedade financeira induzida, afetava mais a *performance* cognitiva dos indivíduos com um NSE baixo ou com um NSE alto. A metodologia correlacional possibilita o uso de procedimentos estatísticos para analisar a covariância, ou seja, para se compreender como é que duas variáveis se relacionam entre si (Field, 2013). Esta metodologia foi planeada para compreender de que modo a ansiedade financeira estaria associada ao absentismo, embora, como veremos adiante, surgiram alguns constrangimentos que nos levaram a adotar por outro tipo de análise estatística.

Amostra

A amostra do estudo foi recolhida com recurso à metodologia de amostragem não probabilística por conveniência. Esta metodologia consiste num procedimento - em que a probabilidade de um elemento pertencer à amostra, não é igual à dos restantes elementos, ou seja, os participantes foram selecionados por conveniência (Almeida & Freire, 2007). Neste caso, os sujeitos pertenciam a diferentes níveis socioeconómicos e os dados foram recolhidos em diversos contextos inseridos nos três setores de atividade económica.

A recolha de dados ocorreu entre o mês de março e o mês de abril de 2020. Contudo, no início deste momento foi declarada pandemia devido ao vírus COVID- 19, o que veio dificultar a recolha de dados. No entanto, houve cerca de 12 participantes cujos dados foram recolhidos antes da pandemia.

A amostra foi constituída por um total de 75 participantes, sendo que, 29 eram do sexo feminino (38.7 %) e 46, do sexo masculino (61.3 %). A idade média era de 42,50 anos (DP= 12,31), variando entre 22 e 65 anos. Relativamente às habilitações académicas, somente 3 participantes (4%) possuíam escolaridade até ao 9.º ano, 17 entre o, 10.º e o 12.º ano (22.7 %), 37 participantes (49.3 %) tinham bacharelato ou licenciatura, 17 (22.7 %) possuíam mestrado e 1 participante (1.3 %) doutoramento. Relativamente ao salário líquido do participante, este variava entre: 500 - 1000 € (42.7 %), 1000 - 1500 € (17.3 %), 1500 - 2000 € (10.7 %), 2000 -

2500 € (12.0 %), mais de 2500 € (17.3 %). Os participantes deste estudo pertenciam a agregados familiares com um número distinto de elementos, entre 1 a 6, sendo que a percentagem mais significativa incluía famílias com 3 elementos (36.0 %) e a mais baixa com 6 (1.3 %). A nível do salário ilíquido do agregado familiar, o intervalo mais representativo foi o de 500-1000 € com uma representação de 14 participantes (18.7 %) e o intervalo de 3500 - 4000 € representava somente 2 participantes (2.7 %) da amostra. Por fim, relativamente ao vínculo com a entidade patronal, 51 participantes (68.0 %) tinham um contrato de trabalho a tempo indeterminado, 17 participantes (22.7 %) contrato de trabalho a termo certo, 6 participantes (8.0 %) contrato de trabalho a termo incerto e 1 (1.3 %) com contrato de trabalho temporário.

Instrumentos e Materiais

Questionário Sociodemográfico

A aplicação deste questionário pretendia a recolha de dados demográficos, como género, idade, habilitações, vencimento, composição do agregado familiar, entre outros aspetos que permitissem uma identificação dos indivíduos em estudo. As questões foram elaboradas de forma explícita recorrendo a respostas abertas e fechadas, permitindo assim uma análise mais completa dos dados.

Absentismo

Para medir a variável absentismo, foram utilizadas duas questões (Priece & Mueller, 1986), que permitiam avaliar a frequência das ausências ao trabalho dos participantes, “*No último ano, quantos dias esteve ausente do seu local de trabalho, por motivos pessoais, excluindo férias e feriados?*” e “*Nos últimos três meses, quantos dias esteve ausente do seu local de trabalho, por motivos pessoais, excluindo férias e feriados?*”. Estas duas questões têm sido utilizadas em estudos prévios com o intuito de avaliar a taxa de absentismo dos participantes (e.g., Kim & Garman, 2003, 2006).

Teste de Cores e Palavras de Stroop

Por forma a compreender como é que a *performance* cognitiva é afetada, recorreu-se à aplicação do *Stroop Color and Word Test* (Stroop, 1935), que avalia a atenção seletiva, a concentração, a eficácia cognitiva, o controlo executivo e a capacidade de resistência à interferência de uma tarefa dissociativa (Trenerry, 1995). Utilizou-se uma versão portuguesa do

instrumento, desenvolvida e administrada através do programa *Psytoolkit* (Stoet, 2010, 2017). A sua execução demorava cerca de dois minutos e era composta por 40 ensaios. Na administração deste instrumento, o participante devia identificar a cor com que uma dada palavra estava escrita e não o seu significado (e.g., responder laranja quando via a palavra “rosa”, escrita a laranja, como apresentado na Figura 1), pressionando no teclado do seu computador a letra inicial da cor (e.g., L para laranja). O participante devia assim seleccionar o estímulo relevante (a cor) e ignorar os distratores (as palavras) que suscitassem erros. O efeito de *Stroop* é criado pela incongruência entre a palavra e a cor da palavra (Golden, 2005) e é avaliado consoante o número de respostas corretas (total de respostas menos os erros). A fidelidade do instrumento tem sido classificada como muito boa ($\alpha = .873$) (e.g., Esgalhado, & Pereira, 2012).



Figura 1 – Exemplo de um estímulo utilizado no Teste Stroop

Wisconsin

O *Wisconsin Card Sorting Test* (WCST) (Berg, 1948), foi um outro instrumento administrado para perceber como é que o desempenho cognitivo foi afetado. Este instrumento permite avaliar as funções executivas de um indivíduo, quanto à sua capacidade de concentração e de seleccionar mentalmente estratégias como resposta a um feedback (Grant & Berg, 2003). Utilizou-se uma versão do instrumento desenvolvida e administrada através do programa *Psytoolkit* (Stoet, 2010, 2017). A tarefa consistiu na apresentação de 4 cartões que continham figuras geométricas de diferentes formas, quantidades e cores. O participante teve de associar o 5º cartão que lhe era apresentado abaixo, consoante a regra de classificação (forma, quantidade ou cor), como exemplificado na Figura 2. A regra de classificação dos cartões vai-se alterando ao fim de 10 sequências. O programa fornecia um feedback ao participante, por forma a este perceber se a regra que aplicou, estava correta ou errada e poder assim alterar a estratégia que estava a aplicar, evitando erros de perseveração. O desempenho do participante pode ser analisado consoante o número total de erros e as diferenças entre os erros de perseveração e os erros de não perseveração. A fidelidade do instrumento tem sido classificada como muito adequada ($\alpha = .90$) (e.g., Steinmetz, et al., 2010).

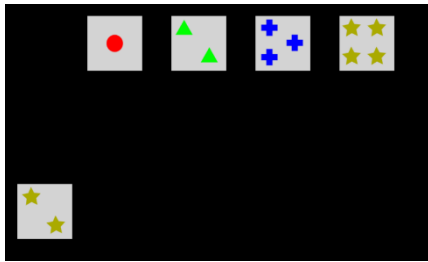


Figura 2 – Sequência do Wisconsin Card Sorting Test

Cenários

Por forma a induzir ansiedade financeira nos participantes, foram formulados cenários com condições financeiras de despesas altas e baixas. Estes cenários foram apresentados, intercaladamente, com as tarefas cognitivas (Stroop e Wisconsin), tal como foi realizado no estudo de Mani et al., (2013). Um exemplo de um cenário de uma despesa elevada foi o seguinte: “*Imagine que os seus pais têm uma idade avançada e que necessitam de cuidados de assistência ao domicílio. Teria duas possibilidades: a) contratar uma pessoa cuidadora, três manhãs por semana, com uma mensalidade de 850 € por mês; b) colocar os seus pais num lar por 2.500 € mês, mas com todas as despesas incluídas. Seria uma decisão fácil ou difícil?*”. Um exemplo de um cenário fácil foi: “*Imagine que teve um acidente de viação em que a sua viatura teve danos avaliados nos 100 €. Teria o seu dispor as seguintes opções: a) Optar por fazer o pagamento com prestações mensais durante 12 meses, no valor de 8.80 €, com juros incluídos? b) Optaria por manter o carro no seu estado atual e na esperança de que este não tivesse mais problemas a longo prazo? Seria uma decisão fácil ou difícil?*”. Os cenários utilizados estão apresentados no Anexo A.

Ansiedade Financeira

Para compreender como é que a ansiedade financeira está associada ao absentismo, recorreu-se à aplicação da escala *Financial Anxiety Scale* (American Psychiatric Association, 2000). Esta é composta por 7 itens avaliados numa escala ordinal tipo *Likert* de 7 pontos, em que 1 corresponde a “nunca” e 7 a “sempre”, a partir da qual os participantes classificam os seus sentimentos e perceções relativos à sua situação económica. Os seguintes itens foram incluídos: 1) *Sinto-me ansioso acerca da minha situação financeira;* 2) *Tenho dificuldade em dormir devido à minha situação financeira;* 3) *Tenho dificuldade em concentrar-me no meu trabalho por causa da minha situação financeira;* 4) *Estou irritável por causa da minha situação financeira;* 5) *Tenho dificuldade em controlar a preocupação com a minha situação*

financeira; 6) Sinto os meus músculos tensos por causa das preocupações com a minha situação financeira; 7) Sinto-me fatigado porque me preocupo com a minha situação financeira. A pontuação total varia entre 7 e 49, sendo que, quanto mais alta a pontuação, mais elevada será a ansiedade financeira. O instrumento original foi alvo de uma retroversão inicial e posteriormente, de um reajustamento da terminologia específica. No que concerne à fidelidade do instrumento esta tem sido classificada como adequada ($\alpha = 0,94$) (e.g., Archuleta et al., 2013).

Procedimento

Procedimento de Recolha de Dados

Numa primeira fase, foi realizado um estudo piloto com o objetivo de selecionar os cenários que mais se adequariam ao estudo. Para tal, foram formulados 12 exemplos de cenários financeiros, em que 6 apresentavam uma despesa monetária elevada (cenários difíceis) e os outros 6 cenários, uma despesa leve (cenários fáceis). Foi solicitado aos inquiridos que classificassem os cenários numa escala de 1 a 10, quanto ao grau de dificuldade em resolver o problema (sendo 1 o grau mais baixo e 10 mais alto). Os 6 cenários que se pressupunham ser de decisão fácil foram administrados a 10 indivíduos com um NSE baixo e os 6 cenários que se pressupunham ser de decisão difícil foram administrados a 10 indivíduos de NSE alto. Esta estratégia foi utilizada de modo a que o grupo de sujeitos com NSE baixo elege-se os dois cenários que considerassem mais fáceis na condição fácil, e o grupo de participantes de NSE alto elege-se os dois cenários mais difíceis na condição difícil. Após a classificação destes 12 cenários iniciais, selecionaram-se os dois que obtiveram a pontuação mais baixa na condição fácil e os dois cenários com pontuação mais alta na condição difícil. Estes foram os cenários utilizados no presente estudo.

A etapa seguinte consistiu na recolha de dados para o estudo principal que foi elaborado com recurso à plataforma online *Psytoolkit* (Stoet, 2010, 2017).

A recolha de dados iniciou-se com um questionário sociodemográfico, seguido, de duas questões acerca do absentismo no meio laboral. Posteriormente, foram apresentados os cenários que tinham como objetivo induzir ansiedade financeira no participante, intercaladamente, com as tarefas cognitivas (Teste de Stroop e Teste de Wisconsin), ou seja, os participantes visualizavam o primeiro cenário, depois realizavam a tarefa cognitiva. O mesmo acontecia com o segundo cenário, os participantes visualizavam-no (refletindo sobre ele) e executavam depois

a outra tarefa. Por fim, os participantes tinham de responder ao questionário sobre a ansiedade financeira.

Devido à situação de pandemia provocada pelo vírus COVID-19 que ocorreu durante o momento de recolha de dados, algumas alterações tiveram que ser implementadas, uma vez que as variáveis em estudo poderiam ser condicionadas pela situação económica e laboral decorrente da pandemia. Assim, em todas as questões demográficas, foi solicitado ao participante que respondesse consoante a sua situação anterior à pandemia. Foi ainda adicionada uma questão não prevista, por forma a compreender como é que o período de pandemia afetou a ansiedade financeira dos participantes: “*Em que medida sinto que a pandemia vai afetar a minha situação financeira pessoal?*”. Esta foi avaliada através de uma escala ordinal de tipo Likert de 7 pontos, em que 1 corresponde a “nada” e 7 a “muitíssimo”.

A plataforma *Psytoolkit* (Stoet, 2010, 2017) permitiu gerar um link com todas as tarefas e que foi diretamente enviado aos participantes através de email onde era anexado um documento que incluía (cf. Anexo B): 1) uma breve apresentação do estudo, 2) explicação das instruções necessárias para o preenchimento das tarefas e 3) informação sobre a confidencialidade e anonimato. Antes do início das tarefas, foram também abordadas questões de permissão de recolha e utilização de dados pessoais.

Design Experimental

Todos os participantes responderam às duas tarefas – Stroop e Wisconsin – cada uma precedida de um cenário. Metade dos participantes responderam primeiro à tarefa de Stroop e a outra metade respondeu primeiro à tarefa de Wisconsin. Foram administradas quatro condições experimentais distintas, resultando do cruzamento da variável cenário (cenários fáceis vs. cenários difíceis) com o NSE (baixo vs. alto). Assim, a distribuição dos participantes pelas condições experimentais foi a seguinte: condição 1 (cenário difícil, NSE baixo) com 17 participantes, condição 2 (cenário difícil, NSE alto) com 21 participantes, condição 3 (cenário fácil, NSE baixo) com 21 participantes e na condição 4 (cenário fácil, NSE alto) com 16 participantes.

Resultados

Preparação dos Dados

A análise dos dados foi realizada com recurso ao *software Statistical Package for Social Sciences* (SPSS, versão 22).

Num primeiro momento, procedeu-se ao cálculo da variável, “salário para as necessidades”, para avaliar o NSE. Para o cálculo do “salário para as necessidades”, usou-se a fórmula que divide o salário líquido do agregado familiar pela raiz quadrada do número de membros desse agregado, como efetuado no estudo de Mani et al. (2013). Por sua vez, esta variável foi recodificada numa variável (NSE) com dois grupos (NSE baixo e NSE alto), com base na mediana. Estes dois grupos foram utilizados no design experimental.

Relativamente à variável ansiedade financeira (escala ansiedade financeira), foi necessário fazer o somatório de todos os itens com base na média das respostas dos participantes, designada por ansiedade financeira global. De seguida, analisou-se a consistência interna da escala (α de Cronbach), que obteve um valor satisfatório (.903).

Análises Preliminares Associadas à Situação de Pandemia

Durante a recolha de dados, foi declarada a pandemia mundial provocada pelo vírus COVID-19 e, devido a este acontecimento, a maioria dos inquéritos foi realizada sob os seus efeitos. Consequentemente, procedeu-se a uma comparação das principais variáveis em estudo (salário para as necessidades, ansiedade financeira, absentismo e *performance* nas duas tarefas cognitivas) reportadas por indivíduos que participaram no estudo antes e durante a pandemia, por forma a compreender se havia diferenças significativas entre os dois momentos. Após ter sido verificada a normalidade através da validação dos critérios da assimetria e curtose, *Kolmogorov-Smirnov* e *Shapiro-Wilk* e respetivos gráficos, realizou-se testes paramétricos, *Testes-t* para amostras emparelhadas (antes e depois da pandemia). De acordo com os resultados obtidos, não se verificaram diferenças nas variáveis antes e durante a pandemia: salário para as necessidades ($t(73) = -1.639, p = .11$), ansiedade financeira ($t(73) = -.715, p = .48$). No entanto, relativamente ao absentismo no último ano, registaram-se diferenças, entre os indivíduos que responderam antes ($M = 3.09; DP = 1.22$) e durante a pandemia ($M = 1.83; DP = 1.16$) ($t(73) = 3.278, p = .002$), havendo uma maior taxa de absentismo entre os indivíduos que responderam antes da pandemia. No que concerne ao absentismo no último trimestre por parte dos indivíduos

que responderam antes ($M = 1.83$; $DP = .38$) e durante ($M = 1.25$; $DP = .43$) a pandemia, registaram-se também diferenças ($t(73) = 4.261, p = .00$), novamente com taxas mais elevadas de absentismo entre os indivíduos que responderam antes da pandemia. Em relação às tarefas experimentais, não se encontraram igualmente diferenças entre os indivíduos que responderam antes e após ser declarada pandemia: tarefa cognitiva Wisconsin ($t(73) = -.608, p = .54$) e efeito Stroop ($t(73) = -1.347, p = .18$).

De modo a compreender se o grau antecipado de afetação provocada pela COVID-19 estava associado a diferenças no “salário para as necessidades” e à ansiedade financeira, utilizaram-se correlações de *Pearson*. Verificou-se que existe uma correlação positiva e significativa entre a ansiedade financeira e em que medida a pessoa sente que será afetada pela pandemia ($r = .369; p = .003$). Por outro lado, verificou-se que existe uma correlação negativa e significativa entre o “salário para as necessidades” e em que medida a pessoa sente que será afetada pela pandemia ($r = -.217; p = .008$).

A Relação entre o NSE e a Ansiedade Financeira

De acordo com H1, era esperado que quanto mais baixo o NSE, maior a ansiedade financeira percebida. Para testar esta hipótese foi conduzida uma correlação de *Pearson*, tendo-se verificado que existe uma correlação negativa e significativa entre a ansiedade financeira e o indicador de NSE utilizado neste estudo – “salário para as necessidades” ($r = -.456; p < .01$). Ou seja, quanto mais elevado o “salário para as necessidades”, menores os níveis de ansiedade financeira percebida. Para complementar esta análise, investigaram-se também as diferenças entre o NSE dicotomizado em “baixo” e “alto” e a ansiedade financeira. Para tal, foi conduzido um *Teste-t*, após a validação dos pressupostos de homocedasticidade com recurso ao teste *Levene* ($F(73) = .611, p = .44$). Não foi necessário validar a normalidade da distribuição, uma vez que a amostra era composta por um número de observações superior a 30. De acordo com os resultados obtidos, indivíduos de baixo NSE apresentaram níveis significativamente diferentes de ansiedade financeira ($t(73) = 3.510, p = .001$), confirmando-se assim a primeira hipótese de investigação. Os indivíduos com NSE baixo ($M = 2.688; DP = .865$) apresentaram maior ansiedade financeira comparativamente com os indivíduos de NSE alto ($M = 2.004; DP = .821$).

Estudo Experimental

Antes de se efetuar a análise estatística principal do estudo experimental, avaliou-se se a ordem das tarefas cognitivas afetou a *performance* dos participantes. Para tal, realizou-se um *Teste-t* (Stroop em primeiro lugar vs. Wisconsin em primeiro lugar), no sentido de descartar a possibilidade de a ordem das tarefas ter produzido efeitos nos resultados. De acordo com os resultados obtidos para a tarefa cognitiva Stroop ($t(73) = -.900, p = .37$) e para a tarefa cognitiva de Wisconsin ($t(73) = 1.79, p = .07$), concluiu-se que a ordem das tarefas não teve impacto na *performance* dos indivíduos.

Assim sendo, passou-se à testagem da segunda hipótese: esperava-se que as pessoas de NSE alto não apresentassem diferenças significativas de *performance* nas tarefas, precedidas dos dois cenários e que as de NSE baixo tivessem uma *performance* significativamente mais baixa nas tarefas precedidas dos cenários difíceis do que nas tarefas precedidas dos cenários fáceis. Por forma a testar a hipótese de estudo, foram realizadas duas Anovas Fatoriais separadamente, uma para a tarefa cognitiva Wisconsin e outra para a tarefa cognitiva Stroop, após confirmação dos pressupostos inerentes a estas análises estatísticas.

Na tarefa Wisconsin, foram identificados e removidos três *outliers* (valores inferiores a zero e superiores a 26). De acordo com os resultados obtidos para esta tarefa, o tipo de cenários (fáceis vs. difíceis) não teve efeito significativo na *performance* ($F(1, 71) = .744, p = .39$). Por outro lado, não houve um efeito principal do NSE na *performance* desta tarefa ($F(1, 71) = .874, p = .35$). Também não se observou um efeito significativo da interação entre as duas variáveis independentes ($F(1, 71) = 3.485, p = .07$). Embora os cenários fáceis vs. difíceis tenham produzido diferenças mais acentuadas de *performance* no NSE mais baixo, tal como antecipado (Gráfico 1), este efeito não chegou a atingir um valor significativo ($p = .07$). Posto isto, para a tarefa de Wisconsin, não se obteve confirmação de H2.

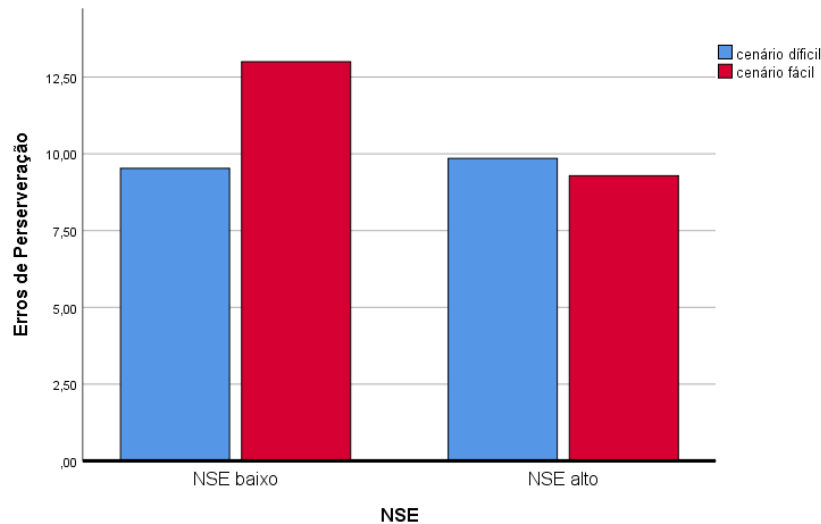


Gráfico 1 – Efeito da Tarefa Cognitiva Wisconsin (valores mais elevados representam pior *performance* na tarefa: maior número de erros de perseveração)

Na tarefa Stroop, verificou-se que cinco participantes apresentavam valores negativos. O efeito Stroop é calculado com base na subtração entre os tempos de reação dos ensaios incongruentes (e.g., verde escrito a rosa) e congruentes (e.g., verde escrito a verde), por isso, os valores negativos resultam, provavelmente, de falta de atenção temporária. Estes casos foram portanto, considerados *outliers* e eliminados. De acordo com os resultados obtidos para esta tarefa, o tipo de cenários (fácil vs. difícil) não teve efeito significativo ($F(1, 71) = .106, p = .75$). Não se observou também nenhum efeito do NSE na resolução da tarefa ($F(1, 71) = .855, p = .36$). No entanto, observou-se uma interação significativa entre o tipo de cenário (fácil vs. difícil) e o NSE do indivíduo ($F(1, 71) = 6.053, p = .02$). Os cenários fáceis vs. difíceis produziram diferenças significativamente mais acentuadas de *performance* no NSE mais baixo como antecipado.

No entanto, os participantes de NSE baixo exibiram uma *performance* mais baixa perante a indução de cenários fáceis (e não de cenários difíceis como esperado), enquanto que, entre os participantes de NSE alto, contrariamente ao esperado, houve também diferenças. Estes participantes demonstraram uma maior interferência na *performance* cognitiva causada pelos cenários difíceis do que pelos cenários fáceis, como observado no gráfico 2. Assim, para esta tarefa, H2 é apenas parcialmente confirmada, já que os dois cenários induziram *performance* diferenciada no grupo de NSE baixo, conforme esperado, mas o grau de dificuldade dos cenários induziu efeitos opostos aos esperados. Por outro lado, surgiu uma *performance*

diferencial inesperada entre as condições com cenários fáceis vs. difíceis para os indivíduos de NSE alto.

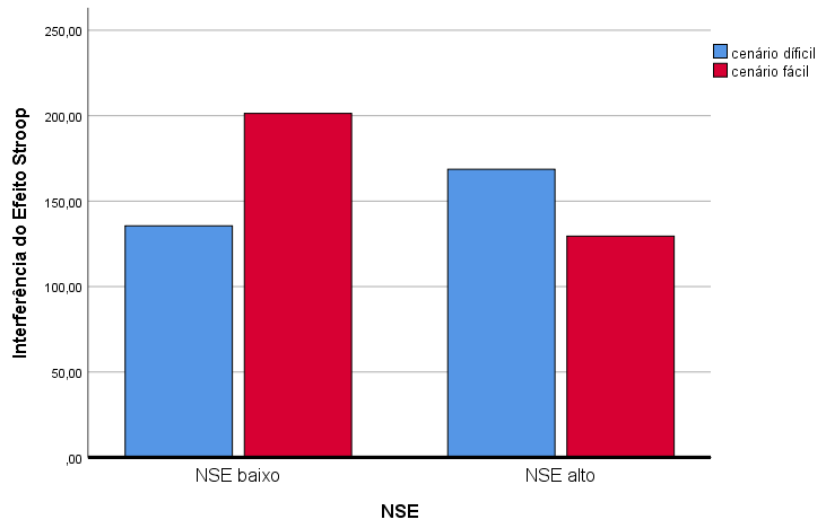


Gráfico 2 – Efeito da Tarefa Cognitiva Stroop (valores mais elevados denotam uma performance pior, i.e., mais interferência relativa ao efeito Stroop)

A Relação entre Ansiedade Financeira e o Absentismo

A terceira hipótese de investigação implicava compreender como é que a ansiedade financeira estava associada ao absentismo. Através de uma análise descritiva das frequências da variável absentismo, durante o último ano e o trimestre passado, constatou-se que, cerca de 50% e 65%, respetivamente, apresentaram uma taxa de absentismo nula (zero dias). Deste modo, recodificaram-se as variáveis absentismo durante o último ano, em quatro grupos (com base nos quartis: 1 – zero dias, 2 – um dia, 3 – três ou quatro dias, 4 – cinco ou mais dias), e o absentismo durante um trimestre em dois grupos (1 – zero dias; 2 – mais de zero dias). Em vez de testes de correlação, inicialmente planeados, recorreu-se a testes de comparação de médias (uma Anova e um *Teste-t*). Após a validação dos pressupostos de homocedasticidade com recurso ao teste *Levene* ($F(66) = .243, p = .87$), realizou-se uma *One-way ANOVA*, com o objetivo de comparar as diferenças do nível da ansiedade financeira entre os quatro grupos de absentismo no último ano. De acordo com os resultados obtidos, não se registaram diferenças significativas entre as variáveis ($F(3, 66) = 1.04, p = .38$).

Para comparar as diferenças a nível da ansiedade financeira entre os dois grupos de absentismo no último trimestre, foi conduzido um *Teste-t*, após a validação dos pressupostos de homocedasticidade com recurso ao teste *Levene* ($F(73) = .189, p = .67$). De acordo com os

resultados obtidos, não houve diferenças significativas entre a ansiedade financeira e os grupos de absentismo ($t(73) = -.274, p = .78$). Após a análise dos resultados obtidos dos respectivos testes, verificou-se que H3 foi refutada. Concluiu-se assim, que não existem diferenças a nível da ansiedade financeira entre os diferentes grupos de absentismo, seja no último ano ou no último trimestre.

Discussão

A presente investigação teve como objetivo inicial, compreender como é que a ansiedade financeira poderia desencadear um desempenho cognitivo diferencial em indivíduos de NSE alto e baixo. O segundo objetivo pretendia perceber de que modo a ansiedade financeira estaria associada ao absentismo do trabalhador.

Por forma a analisar o primeiro objetivo, formularam-se duas hipóteses de investigação. Na primeira hipótese esperava-se que, quanto mais baixo fosse o NSE dos indivíduos, maior seria a ansiedade financeira percebida (H1). Na segunda hipótese, esperava-se que os sujeitos com um NSE baixo apresentassem níveis mais diferenciados de *performance* cognitiva, num cenário de indução de elevada versus baixa ansiedade financeira (apresentando uma *performance* mais baixa no primeiro tipo de cenários), comparativamente com indivíduos de NSE mais alto (H2).

Através das análises estatísticas, pôde-se constatar que a primeira hipótese foi confirmada. Concluiu-se assim que os sujeitos de NSE baixo apresentaram níveis significativamente mais elevados de ansiedade financeira, comparativamente com os de NSE alto. Tal terá acontecido porque os indivíduos que possuem recursos financeiros insuficientes (NSE baixo), e que provavelmente terão vivenciado anteriormente problemas financeiros, demonstram uma ansiedade antecipada que compromete a gestão desses problemas. É possível que estes indivíduos tenham a percepção de não conseguirem obter apoio externo para superarem as dificuldades financeiras, como, por exemplo, perspectivas de aumento de salário, facilidades no pagamento a créditos, entre outros. Outra possível razão, baseia-se no facto de estes indivíduos poderem ter mais dificuldades em termos de conhecimento de gestão dos seus recursos, aspetos essenciais para melhor administrarem as suas finanças pessoais (Warwick & Mansfield, 2000).

Os resultados obtidos foram de encontro a estudos prévios. Fryers et al. (2003) e Jenkins (2008), por exemplo, detetaram que, no decorrer das suas investigações, existia uma relação direta entre as características socioeconómicas dos indivíduos (como o vencimento, formação educacional e situação profissional) e o aparecimento de problemas de saúde mental, concluindo que, quanto mais baixo for o NSE do indivíduo, maior será a probabilidade de este apresentar transtornos mentais associados às dificuldades financeiras, principalmente quando confrontados com dívidas que lhes aumentava a ansiedade financeira. De acordo também com um estudo realizado por Dijkstra et al. (2015), na população holandesa, os indivíduos que

pertenciam a um NSE baixo, possuíam um maior stress financeiro comparativamente com os sujeitos de NSE alto.

Contrariamente, outras investigações afirmam que, o grau de ansiedade financeira não depende do NSE. Tanto um indivíduo com um NSE baixo como um de NSE alto podem apresentar uma sintomatologia idêntica de ansiedade financeira, sendo que no último, esta possa estar associada a padrões de vida e gestão financeira desadequados (Kim & Garman, 2003; Wang et al., 2010).

No que concerne à segunda hipótese de investigação, e para a tarefa de Wisconsin a predição principal de que existiria um impacto diferencial dos dois tipos de cenários (fácil vs. difícil) no NSE alto versus baixo não foi confirmada, embora o nível de significância ($p = .07$) possa sugerir uma tendência semelhante aos resultados encontrados para a tarefa de Stroop. Verificou-se de qualquer forma que a hipótese foi então refutada, porque não houve qualquer efeito do NSE, da dificuldade da tarefa ou qualquer interação entre ambos. Ou seja, os indivíduos de NSE baixo não apresentaram *performance* mais diferenciada entre os dois cenários quando comparados com os indivíduos de NSE alto.

Na tarefa cognitiva Stroop, a segunda hipótese foi parcialmente confirmada porque os dois cenários (fácil e difícil) desencadearam uma *performance* diferenciada no NSE baixo como era exetável. No entanto, nesta tarefa, os participantes de NSE baixo exibiram uma *performance* mais baixa na condição de cenários fáceis do que na condição de cenários difíceis, contrariamente ao esperado. Por outro lado, os indivíduos de NSE alto, para quem não era esperada uma *performance* diferenciada consoante os tipos de cenários, apresentaram uma *performance* cognitiva mais baixa na condição de cenários difíceis, quando comparada com a condição de cenários fáceis.

Concluiu-se que, os cenários difíceis tiveram efeitos contrários ao esperado, no NSE baixo, e tiveram um efeito inesperado no NSE alto, ou seja, os cenários fáceis produziram efeitos semelhantes aos cenários difíceis utilizados por Mani et al. (2013). Este resultado poderá ser explicado com base nos baixos salários que se verificaram na amostra deste estudo. Assim, é possível que os cenários difíceis propostos acabassem por ser mais difíceis do que se esperava e esta dificuldade pode ter residido nos valores monetários descritos que eram, mesmo assim, demasiado elevados para o NSE alto levando a uma *performance* cognitiva mais baixa na resolução das tarefas cognitivas (Stroop e Wisconsin). Pelo contrário, os indivíduos de NSE baixo demonstraram uma *performance* cognitiva mais baixa na condição de cenários considerados fáceis. Isto terá acontecido porque, perante os cenários fáceis, o participante é forçado a tentar resolver o dilema financeiro envolvendo recursos cognitivos no sentido de

decidir qual a opção a tomar. Perante a indução de cenários difíceis, os participantes de NSE baixo demonstraram uma *performance* mais alta na resolução das tarefas cognitivas, talvez porque como estes cenários apresentavam valores monetários tão elevados, os participantes perceberam logo que não iriam conseguir suportar tais despesas e não desperdiçaram tempo em refletir sobre os mesmos (não causando assim dilema, nem consumindo recursos cognitivos). É possível que estes cenários não tivessem produzido assim efeito sobre a *performance* nas tarefas cognitivas, facilitando a resolução das mesmas.

Estes resultados não estão em consonância com o estudo de Mani et al. (2013), porque estes verificaram que, para os indivíduos de NSE alto, o tipo de cenários não influenciava a *performance* cognitiva, enquanto que os indivíduos de NSE baixo apresentavam um desempenho cognitivo pior, na indução de cenários difíceis, comparativamente com os cenários fáceis. Concluíram ainda que os indivíduos de NSE baixo são mais afetados perante a indução de cenários financeiros elevados. É possível que, dado os baixos salários em Portugal, o cenário antecipado como “fácil” tenha atuado, neste estudo, como difícil e que o cenário antecipado como “difícil” tenha atuado como demasiado remoto para os indivíduos de NSE baixo e de facto difícil para os indivíduos de NSE alto. Apenas estudos futuros nos permitirão testar esta possível explicação.

Por fim, para alcançar o segundo objetivo de estudo, foi formulada a seguinte hipótese de investigação (H3): indivíduos com níveis mais elevados de ansiedade financeira apresentam uma taxa de absentismo mais elevada. No entanto, ao analisar as frequências descritivas da variável absentismo, no último ano e último trimestre, os participantes mencionaram uma baixa taxa deste índice e, por isso, teve que se proceder a uma recodificação das variáveis, como foi descrito e reportado na secção dos resultados. Após a análise dos testes estatísticos com a ansiedade financeira nos dois grupos de absentismo (último ano e último trimestre), verificou-se que H3 foi refutada, constatando-se que não houve diferenças da ansiedade financeira entre os grupos de absentismo.

A reduzida taxa de absentismo revelada pelos participantes, e que não era esperada, pode estar na base de diferentes fatores como a dificuldade em reconhecerem que faltavam ao local de trabalho e daí manipularem os dados; por não se recordarem exatamente do número de vezes que faltaram, principalmente ao longo do ano; ou ainda porque determinados tipos de emprego (trabalho por conta própria ou profissões liberais), cujos horários são flexíveis, permitem ao indivíduo faltar sem ter de repor essa falta; acrescenta-se também que os participantes do estudo poderão não ter contabilizado como falta de assiduidade, as faltas

justificadas ou faltas parciais. Esta última causa vem confirmar que o conceito de absentismo não é consensual, como foi referido anteriormente (Cunha et al., 2010; Kim & Garman, 2003).

Os resultados obtidos não foram de encontro à literatura existente. Exemplo disto, foram os estudos empreendidos por Bagwell (2000) que afirmou que a taxa de absentismo aumentava devido a problemas económicos, agravando a ansiedade financeira que, por seu lado, contribuía para uma baixa taxa de assiduidade (Kim et al., 2006).

Conclusão

Este estudo é uma mais valia para os Recursos Humanos (RH) pois pretendeu compreender se a ansiedade financeira desencadeia um desempenho cognitivo diferencial entre níveis socioeconómicos e, posteriormente, perceber de que modo a ansiedade financeira está associada ao absentismo do trabalhador. Para se alcançar os objetivos delineados, recorreu-se a um paradigma experimental e a uma metodologia de comparação de médias, entre grupos.

Por não ser muito usual o recurso a um paradigma experimental na área de RH, este estudo tornou-se válido para o desenvolvimento de novas investigações. Ao criar diferentes cenários que induzissem ansiedade financeira, intercalados com tarefas cognitivas (Stroop e Wisconsin), percebeu-se que o desempenho cognitivo foi diferencialmente afetado, embora apenas de um modo significativo para a tarefa Stroop.

No que concerne às conclusões retiradas, percebeu-se que o NSE em que os indivíduos se encontram, está associado ao grau de ansiedade financeira que percecionam, como o que foi detetado nos participantes com NSE baixo, que apresentaram níveis mais elevados de ansiedade financeira.

Uma outra conclusão retirada perante a análise de dados, foi que o grau de dificuldade dos cenários induziu efeitos opostos aos esperados a nível da *performance* cognitiva. Concluiu-se assim que, os indivíduos de NSE baixo, quando são deparados com uma despesa financeira demasiado alta, esta não tem influência na *performance* cognitiva. Por outro lado, quando estes indivíduos se deparam com uma despesa plausível dado o seu NSE, esta terá impacto na capacidade cognitiva, reduzindo a *performance*.

No que refere ao segundo objetivo, concluiu-se que a ansiedade financeira não se diferencia nos dois grupos de absentismo (no último trimestre e no último ano), não se podendo concluir como é que este tipo de ansiedade está associado ao absentismo.

Limitações do Estudo

No decorrer da presente investigação foram identificadas várias limitações, destacando-se o aparecimento de uma pandemia mundial provocada pelo vírus COVID-19 (World Health Organization, 2020), quando se iniciava o momento de recolha de dados. O surgimento de vários casos de COVID-19 obrigou o Governo Português a declarar estado de emergência no dia 18 de março (Decreto Lei no 14-A/2020 de 11 de março da Presidência da República), através de um decreto aprovado pela Assembleia da República que afixava a suspensão dos

direitos de deslocação nacional e internacional dos cidadãos. Este contexto impossibilitou o contato direto com os participantes na administração do instrumento com consequências não previstas no início da investigação. Os instrumentos passaram a ser administrados de forma indireta, online (ausência de espaço físico), tendo havido um reajustamento nas questões, induzindo o participante a ter de pensar no momento anterior à pandemia, para os indivíduos que efetuaram as tarefas depois desta ter sido declarada. O facto de a maioria dos participantes terem sido solicitados a responder, retrospectivamente, poderá ter causado uma certa confusão e consequentemente refletir-se nos resultados. Os participantes, para poderem realizar o instrumento, teriam de possuir um computador, pois era o único meio informático a que estava adaptado o instrumento e, caso o possuíssem, poderiam ter dificuldades em manuseá-lo. Por outro lado, os sujeitos poderiam ter dificuldades na interpretação das instruções apresentadas, o que poderá ter condicionado o registo dos dados nas tarefas cognitivas e daí, o que poderá ter afetado os resultados. Uma outra limitação que se pode apontar, refere-se ao número de participantes da amostra que foi relativamente reduzida dificultando a generalização dos resultados obtidos. O facto de os valores apresentados nos cenários financeiros não terem sido previamente adaptados à população portuguesa, poderá ter causado uma limitação na investigação, uma vez que os valores podem ter sido desadequados aos salários dos participantes em estudo.

Sugestões para Investigações Futuras

Após serem mencionadas algumas limitações/ constrangimentos ao estudo, é pertinente apontar sugestões para investigações futuras que abordem esta temática. Um pouco para combater a reduzida amostra na presente pesquisa, seria pertinente no futuro, alargá-la a um maior número de participantes para se poder generalizar os resultados.

Uma outra proposta seria a realização de uma investigação com uma abordagem metodológica longitudinal. Tendo em conta que os dados foram recolhidos, maioritariamente, durante o período de pandemia, seria interessante, num futuro próximo quando o vírus COVID-19 tivesse controlado, administrar novamente o instrumento aos mesmos participantes, por forma a compreender como é que a pandemia afetou a ansiedade financeira e o absentismo.

Em estudos futuros, poder-se-ia ajustar os valores monetários dos cenários às características específicas dos rendimentos da população portuguesa que são normalmente baixos, tendo em conta que os cenários da presente investigação foram baseados no estudo de Mani et al. (2013) realizado nos Estados Unidos.

Num estudo futuro, proponho que os participantes sejam submetidos a uma avaliação neurológica, no momento da apresentação dos cenários (fáceis vs. difíceis), por forma a verificar a veracidade da indução de ansiedade financeira, como, por exemplo, eletroencefalogramas, que iria permitir uma investigação com uma metodologia mais experimental e uma análise mais aprofundada da ansiedade financeira.

Uma outra sugestão de investigação, seria compreender como é que a ansiedade financeira compromete a satisfação laboral entre diferentes níveis socioeconómicos.

Implicações Práticas

Perante as diversas modificações que se têm vindo a observar no mundo do trabalho, é necessário identificar todos os constrangimentos, dificuldades e até estratégias aplicadas, tanto a colaboradores como às próprias organizações. Aqui, as práticas de Recursos Humanos podem contribuir para a promoção de novas atitudes e comportamentos nas organizações, com vista ao melhoramento da produtividade e da qualidade de vida dos trabalhadores, investigando as causas, estabelecendo relações entre variáveis e propor novos “caminhos” (Rego et al., 2016).

Por forma a diminuir a ansiedade financeira e consequentes constrangimentos, as organizações podem contratar um psicólogo para acompanhar e orientar os colaboradores a controlar o stress financeiro, assim como promover uma política para a saúde financeira (So-hyun & Grable, 2004) que contribuirá para um aumento da produtividade e da assiduidade dos colaboradores (Jacobson et al., 1996; Kim & Garman, 2004).

O poder político pode alterar a legislação laboral tendo em vista a diminuição da ansiedade financeira que se repercute na produtividade e no absentismo e até em matérias de saúde (George & Kane, 2016).

A presente investigação contribuirá também para o enriquecimento do conhecimento científico e abrirá portas a novas investigações. Os resultados obtidos permitem investir em estratégias mais humanizadas, criando um ambiente laboral saudável e estimulante que, por sua vez, diminuirá o absentismo e estimulará a produtividade nas organizações.

Referências Bibliográficas

- Almeida, L., & Freire, T. (2007). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação* (4ª edição). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- American Psychiatric Association. (2000). *Diagnostic statistical manual-IV-TR*, 4th ed., Washington, DC: Author.
- Archuleta, K. L., Dale, A., & Spann, S. M. (2013). College Students and Financial Distress: Exploring Debt, Financial Satisfaction, and Financial Anxiety. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 24(2), 50-62.
- Bagwell, D. C. (2000). *Work and personal financial outcomes of credit counseling clients* (Doctoral dissertation, Virginia Tech). <http://doi.org/hdl.handle.net/10919/29222>.
- Banco de Portugal. (2014). *Relatório do Conselho de Administração. A Economia Portuguesa*. Consultado em 1 maio, 2020 em Banco de Portugal: https://www.bportugal.pt/sites/default/files/anexos/pdf-boletim/ra14ep_pt.pdf.
- Barr, M. S. (2012). *No slack: The financial lives of low-income Americans*. Brookings Institution Press.
- Barros, S. C., Álvaro, J. L., & Borges, L. D. O. (2018). Significados do trabalho e do dinheiro: quais suas funções sociais?. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 18(1), 282-290. <http://doi.org/10.17652/rpot/2018.1.13395>
- Berg, E. A. (1948). A simple objective technique for measuring flexibility in thinking. *The Journal of general psychology*, 39(1), 15-22. <https://doi.org/10.1080/00221309.1948.9918159>
- Bond, J. T., & Galinsky, E. (2011). *Low income employees in the US* New York, NY: Families and Work Institute.
- Bran, F. (2015). Globalization of Economy—Premises and Effects. *The USV Annals of Economics and Public Administration*, 15(3), 7-11.
- Brooke Jr, P. P., & Price, J. L. (1989). The determinants of employee absenteeism: An empirical test of a causal model. *Journal of Occupational Psychology*, 62(1), 1-19. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8325.1989.tb00473.x>.

- Burchell, B. J. (2003). *Identifying, describing, and understanding financial aversion: Financial phobes*. Report for EGG. Retrieved from <http://people.ds.cam.ac.uk/bb101/financialaversionreportburchell.pdf>
- Consulting, A (1998). *America @ Work: A focus on benefits and compensation*. Chicago, IL: Author.
- Cunha, M., Rego, A., Cunha, R., Cardoso, C., Marques, C & Gomes, J. (2010). *Manual de Gestão de Pessoas e do Capital Humano*. (2ª Ed.) Lisboa: Edições Silabo, Lda.
- Deaton, A. (2008). Income, health and wellbeing around the world: evidence from the Gallup World Poll. *Journal of Economic Perspectives*, 22, 53–72. <https://doi.org/10.1093/oep/gpr051>.
- Decreto Lei no 14-A/2020 de 11 de março da Presidência da República*. Diário da República: I série, No 55 (2020). Acedido a 18 junho 2020. Disponível em <https://dre.pt/web/guest/home/-/dre/130399862/details/maximized>
- Dias, F., Pinheiro, M., & Rua, A. (2015). Forecasting Portuguese GDP with factor models: Pre- and post-crisis evidence. *Economic Modelling*, 44, 266-272. <https://doi.org/10.1016/j.econmod.2014.10.034>
- Dijkstra-Kersten, S. M., Biesheuvel-Leliefeld, K. E., van der Wouden, J. C., Penninx, B. W., & van Marwijk, H. W. (2015). Associations of financial strain and income with depressive and anxiety disorders. *Journal Epidemiology and Community Health*, 69(7), 660-665. <http://dx.doi.org/10.1136/jech-2014-205088>.
- DiMatteo, M. R., Giordani, P. J., Lepper, H. S., & Croghan, T. W. (2002). Patient adherence and medical treatment outcomes a meta-analysis. *Medical Care*, 794-811.
- Dooley, D., Catalano, R., & Wilson, G. (1994). Depression and unemployment: panel findings from the Epidemiologic Catchment Area study. *American Journal of Community Psychology*, 22(6), 745-765. <https://doi.org/10.1007/BF02521557>.
- Edin, K., & Lein, L. (1997). *Making ends meet: How single mothers survive welfare and low-wage work*. Russell Sage Foundation.
- Esgalhado, G., & Pereira, H. (2012). Efeito do género e da escolaridade no teste stroop: da infância à idade jovem. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*. <http://doi.org/hdl.handle.net/10662/3705>

- Eurostat. (2019). Consultado em maio 22, 2020 em Eurostat:
https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Income_poverty_statistics/pt&oldid=88017
- Field, A. (2013). *Discovering statistics using IBM SPSS Statistics*. sage.
- Fryers, T., Melzer, D., & Jenkins, R. (2003). Social inequalities and the common mental disorders. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 38(5), 229-237. [https://doi.org/ DOI 10.1007/s00127-003-0627-2](https://doi.org/DOI%2010.1007/s00127-003-0627-2)
- Garman, E. T., Camp, P. L., Kim, J., Bagwell, D. C., & Baffi, C. (1999). Credit delinquencies: A portrait of pain for employers' bottom lines—Preliminary findings. In *Virginia Polytechnic Institute and State University, Blacksburg*.
- George, A. & Kane, M (2016). Financial Stress: The Impact on Individuals, Employees, and Employers. *Journal of Pension Benefits: Issues in Administration*. Vol (24), 35-38
- George, A. & Kane, M (2016). Financial Stress: The Impact on Individuals, Employees, and Employers. *Journal of Pension Benefits: Issues in Administration*. Vol (24), 35-38
- Giorgi, G., Arcangeli, G., Mucci, N., & Cupelli, V. (2015). Economic stress in the workplace: the impact of fear of the crisis on mental health. *Work*, 51(1), 135-142. [http://doi.org/ 10.3233/WOR-141844](http://doi.org/10.3233/WOR-141844)
- Gomes, A; Melo, B. & Cruz, J. (1997). *Stress ocupacional, saúde e absentismo: Estudo com quadros médios e superiores de uma empresa têxtil*. (Dissertação de Mestrado). Braga: Associação dos Psicólogos Portugueses
- Grant, D. A., & Berg, E. (1948). A behavioral analysis of degree of reinforcement and ease of shifting to new responses in a Weigl-type card-sorting problem. *Journal of Experimental Psychology*, 38(4), 404. <https://doi.org/10.1037/h0059831>
- Haller, A. P. (2012). Concepts of economic growth and development challenges of crisis and of knowledge. *Economy Transdisciplinarity Cognition*, 15(1), 66. [https://doi.org/ 90541014](https://doi.org/90541014)
- Harpaz, I., & Fu, X. (2002). The structure of the meaning of work: A relative stability amidst change. *Human relations*, 55(6), 639-667. <https://doi.org/10.1177/0018726702556002>

- Instituto Nacional de Estatística. (2019). Consultado em maio 22, 2020 em INE: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=354099803&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt
- Jacobson, B. H., Aldana, S. G., Goetzel, R. Z., & Vardell, K. D. (1996). The relationship between perceived stress and self-reported illness-related absenteeism. *American Journal of Health Promotion, 11*, 54–61. <https://doi.org/10.4278/0890-1171-11.1.54>
- Jenkins, R., Bhugra, D., Bebbington, P., Brugha, T., Farrell, M., Coid, J., ... & Meltzer, H. (2008). Debt, income and mental disorder in the general population. *Psychological Medicine, 38*(10), 1485-1493. <https://doi.org/10.1017/S0033291707002516>
- Joo, S. H., Durband, D. B., & Grable, J. (2008). The academic impact of financial stress on college students. *Journal of College Student Retention: Research, Theory & Practice, 10*(3), 287-305. <https://doi.org/10.2190/CS.10.3.c>
- Katz, S. J., & Hofer, T. P. (1994). Socioeconomic disparities in preventive care persist despite universal coverage: breast and cervical cancer screening in Ontario and the United States. *Jama, 272*(7), 530-534..
- Kim, J., & Garman, E. T. (2003). Financial stress and absenteeism: An empirically derived research model. *Financial Counseling and Planning, 14*(1), 1-12.
- Kim, J., & Garman, E. T. (2004). Financial stress, pay satisfaction and workplace performance. *Compensation & Benefits Review, 36*(1), 69-76. <https://doi.org/10.1177/0886368703261215>
- Kim, J., Sorhaindo, B., & Garman, E. T. (2006). Relationship between financial stress and workplace absenteeism of credit counseling clients. *Journal of Family and Economic Issues, 27*(3), 458-478. <http://doi.org/10.1007/s10834-006-9024-9>
- Klontz, B., Britt, S. L., Archuleta, K. L., & Klontz, T. (2012). Disordered money behaviors: Development of the Klontz Money Behavior Inventory. *Journal of Financial Therapy, 3*(1). <https://doi.org/10.4148/jft.v3i1.1485>
- Klontz, B., Britt, S. L., Mentzer, J., & Klontz, T. (2011). Money beliefs and financial behaviors: Development of the Klontz Money Script Inventory. *Journal of Financial Therapy, 2*(1), 1.

- Klontz, B., Kahler, R., & Klontz, T. (2008). *Facilitating financial health: Tools for financial planners, coaches, and therapists*. National Underwriter Company.
- Lange, C., & Byrd, M. (1998). The relationship between perceptions of financial distress and feelings of psychological well-being in New Zealand university students. *International journal of adolescence and youth*, 7(3), 193-209. <https://doi.org/10.1080/02673843.1998.9747824>
- Lobão, J. (2018). *Finanças Comportamentais*. Leya.
- Lorant, V., Croux, C., Weich, S., Delière, D., Mackenbach, J., & Ansseau, M. (2007). Depression and socio-economic risk factors: 7-year longitudinal population study. *The British Journal of Psychiatry*, 190(4), 293-298. <https://doi.org/10.1192/bjp.bp.105.020040>
- Mani, A., Mullainathan, S., Shafir, E., & Zhao, J. (2013). Poverty impedes cognitive function. *science*, 341(6149), 976-980 <https://doi.org/stable/23491382>
- Marjanovic, Z., Fiksenbaum, L., & Greenglass, E. (2018). Financial threat correlates with acute economic hardship and behavioral intentions that can improve one's personal finances and health. *Journal of Behavioral and Experimental Economics*, 77, 151-157. <https://doi.org/10.1016/j.socec.2018.09.012>
- Maslow, A. H. (1943). A theory of human motivation. *Psychological review*, 50(4), 370. <https://doi.org/10.1037/h0054346>
- McLoyd, V. C. (1998). Socioeconomic development and child development. *Am Psychol*, 53, 185-204.
- Nenovski, T., & Pamukova, N. (2019). Roots, Causes, Effects, and Lessons Learned from the Global Financial Crisis. *Journal of Sustainable Development*, 9(22), 18-33. <https://doi.org/138553815>
- Oleson, M. (2004). Exploring the relationship between money attitudes and Maslow's hierarchy of needs. *International Journal of Consumer Studies*, 28(1), 83-92. <https://doi.org/10.1111/j.1470-6431.2004.00338.x>
- Peretti, J; Fabi, B; Chevalier, F; Horts, C.H. & Alis, D. (2012). *Gestão de recursos humanos: uma abordagem internacional*. Lisboa: Editor Instituto Piaget.

- Pinto, M. (2006). *Absentismo: Fenómeno individual e /ou organizacional?* (Dissertação de mestrado). Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal. <https://hdl.handle.net/10400.12/807>
- Price, J.L. & Mueller, C.W. (1986). *Absenteeism and turnover among hospital employees*. Greenwich, CT: JAI Press.
- Price, R. H., Choi, J. N., & Vinokur, A. D. (2002). Links in the chain of adversity following job loss: How financial strain and loss of personal control lead to depression, impaired functioning, and poor health. *Journal of Occupational Health Psychology*, 7(4), 302–312. <https://doi.org/10.1037/1076-8998.7.4.302>
- Rego, A., Cunha, M. P., Cunha, R. C., Cardoso, C. C., & Neves, P (2016). *Manual de Comportamento Organizacional e Gestão* (8ª ed). Editora RH.
- Rego, A., Cunha, M. P., Gomes, J. F., Cunha, R. C., Cardoso, C. C., & Marques, C. A. (2015). *Manual de gestão de pessoas e do capital humano*. (3ªed.). Lisboa: Edições Sílabo
- Ribeiro, R., Frade, C. Coelho, L. & Ferreira-Valente, A. (2015.). Crise económica em Portugal: Alterações nas práticas quotidianas e nas relações familiares. In I. Corrêa da Silva, M. Pignatelli, & S. Viegas (Eds.). *Livro de Atas do 1.º Congresso da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa 2015* (pp. 5191-5207), Lisboa, Portugal.
- Rostow, W. W. (1990). *The stages of economic growth: A non-communist manifesto*. Cambridge university press.
- Shapiro, G. K., & Burchell, B. J. (2012). Measuring financial anxiety. *Journal of Neuroscience, Psychology, and Economics*, 5(2), 92. <https://doi.org/10.1037/a0027647>
- Silva, C. (2011). *Estudo do contributo da contabilidade de gestão na aplicação do modelo Scorecard RH em duas PME têxteis: o caso particular do absentismo*. (Dissertação de mestrado). Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho, Minho, Portugal. <https://doi.org/repositorium.sdum.uminho.pt>
- Sinclair, R. R., & Cheung, J. H. (2016). Money matters: Recommendations for financial stress research in occupational health psychology. *Stress and Health*, 32(3), 181-193. <http://doi.org/10.1002/smi.2688>

- So-hyun, J. & Grable, J. E. (2004). An exploratory framework of the determinants of financial satisfaction. *Journal of Family and Economic Issues*, 25, 25–50.
- Steinmetz, J. P., Brunner, M., Loarer, E., & Houssemand, C. (2010). Incomplete psychometric equivalence of scores obtained on the manual and the computer version of the Wisconsin Card Sorting Test?. *Psychological Assessment*, 22(1), 199. <https://doi.org/10.1037/a0017661>
- Stoet, G. (2010). PsyToolkit - A software package for programming psychological experiments using Linux. *Behavior Research Methods*, 42(4), 1096-1104.
- Stoet, G. (2017). PsyToolkit: A novel web-based method for running online questionnaires and reaction-time experiments. *Teaching of Psychology*, 44(1), 24-31.
- Stroop, J. R. (1935). Studies of interference in serial verbal reactions. *Journal of Experimental Psychology*, 18(6), 643–662. <https://doi.org/10.1037/h0054651>
- Summers, L., & Gutierrez, D. (2018). Assessing and Treating Financial Anxiety: The Counselor as a Resource, Rather than Referrer. *The Journal of Individual Psychology*, 74(4), 437-447. <https://doi.org/10.1353/jip.2018.0032>
- Tivendell, J., & Bouronnais, C. (2008). Job insecurity in a sample of Canadian civil servants as a function of personality and perceived job characteristics. *Psychological Reports*, 87, 55–60. <https://doi.org/10.2466/pr0.2000.87.1.55>
- Trenerry, M. R., Crosson, B., Deboe, J. & Leber, W. R. (1995). Stroop neuropsychological screening test. *Tampa: Psychological Assessment Resources*.
- Wang, J. L., Schmitz, N., & Dewa, C. S. (2010). Socioeconomic status and the risk of major depression: the Canadian National Population Health Survey. *Journal of Epidemiology & Community Health*, 64(5), 447-452. <http://doi.org/10.1136/jech.2009.090910>
- Wani, R. T. (2019). Socioeconomic status scales-modified Kuppuswamy and Udai Pareekh's scale updated for 2019. *Journal of Family Medicine and Primary Care*, 8(6), 1846. https://doi.org/10.4103/jfmpe.jfmpe_288_19
- Warwick, J., & Mansfield, P. (2000). Credit card consumers: College students' knowledge and attitude. *Journal of Consumer Marketing*. <https://doi.org/10.1108/07363760010357813>

World Health Organization. (2020, março de 11). WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 11 March 2020. <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>

ANEXOS

ANEXO A – Cenários

Condições difíceis:

Cenário 1

Imagine que os seus pais têm uma idade avançada e que necessitam de cuidados de assistência ao domicílio. Teria duas possibilidades: a) contratar uma pessoa cuidadora, três manhãs por semana, com uma mensalidade de por 850€ mês; b) colocar os seus pais num lar por 2.500€ mês mas com todas as despesas incluídas.

Seria uma decisão fácil ou difícil?

Cenário 2

Imagine que teve um acidente de trabalho e que sofreu queimaduras no rosto que deixaram cicatrizes. Para melhorar a sua autoestima decidiu recorrer a uma cirurgia plástica. Teria duas opções: a) Um hospital privado deu-lhe um orçamento de cerca de 5.000€ para uma cirurgia imediata. b) Se recorrer a um tratamento cirúrgico no hospital público, este será grátis, mas terá de esperar cerca de um ano e meio e os resultados serão menos favoráveis em termos da sua aparência.

Seria uma decisão fácil ou difícil?

Condições Fáceis:

Cenário 1

Imagine que teve um acidente de viação em que a sua viatura teve danos avaliados nos 100€. Teria o seu dispor as seguintes opções: a) Optar por fazer o pagamento com prestações mensais durante 12 meses, no valor de 8.80€, com juros incluídos? b) Optaria por manter o carro no seu estado atual e na esperança de que este não tivesse mais problemas a longo prazo?

Seria uma decisão fácil ou difícil?

Cenário 2

Imagine que o seu telemóvel avariou e como tal necessita de comprar um novo. Existem dois cenários possíveis: a) Comprar um telemóvel que lhe iria custar a pronto pagamento 50€?; b) Optar por efetuar a comprar a prestações durante 12 meses com o valor mensal 4.50€, com juros incluídos?

Pensa que esta seria uma decisão fácil ou difícil de tomar?

ANEXO B – Instruções de Preenchimento

Olá a todos!

Dada a situação de pandemia que vivemos hoje em dia, sei que é difícil terem tempo para colaborarem neste meu pedido para fazer a recolha de dados da minha dissertação de mestrado em Psicologia e Desenvolvimento de Recursos Humanos da Universidade Católica do Porto.

Por esse motivo, agradeço desde já a vossa participação que demorará no máximo 15 minutos.

A confidencialidade dos dados é assegurada pelo anonimato.

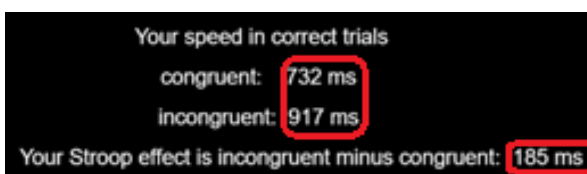
Para preencherem corretamente, existem algumas regras que devem ter em atenção. São muito simples, mas **importantes**:

1. No preenchimento das questões acerca de aspetos laborais (e.g., contrato de trabalho, carga horária, dias que esteve ausente), pedia-lhe que respondesse **consoante a sua situação anterior à pandemia**.
2. **Não volte atrás** no preenchimento do questionário.
3. Existem **duas** tarefas cognitivas (espécie de jogos), que envolvem cores e figuras geométricas. No fim de cada uma das tarefas, aparecerá um ecrã (ver abaixo).

Por favor:

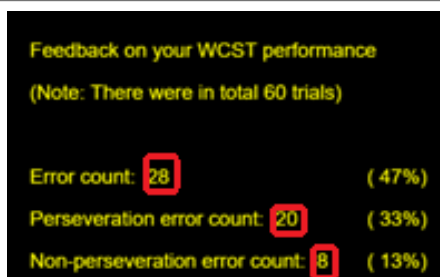
- **anote num papel os resultados que lhe aparecem no ecrã** no fim de cada tarefa (ver exemplo abaixo à esquerda) e,

- **registre-os na questão que aparece a seguir** (conforme exemplo abaixo à direita)



Escreva aqui por favor os três valores anotados -(1)congruent, (2)incongruent, (3) stroop effect- por esta ordem

732, 917, 185



Escreva aqui por favor os três valores anotados -(1) Error Count, (2) Perseveration Error Count, (3) Non-perseveration Error Count - por esta ordem

28, 20, 8

Segue o link para poderem participar: <https://www.psychtoolkit.org/cgi-bin/psy2.6.1/survey?s=sBvEB>

Peço que tenha muita atenção às regras, pois são importantes para se poder analisar todos os dados corretamente.

Se conhecer mais alguém que possa colaborar na realização da minha tese, comunique-me.

Toda a ajuda é bem-vinda!

Caso tenha alguma dúvida no preenchimento do instrumento, não hesite em contactar-me.

Deixo aqui o meu contato telefónico: 963 830 416.

Muito obrigada pela vossa ajuda!

Carolina Martins